

ANÁLISE DA
COBERTURA
JORNALÍSTICA DOS
JORNAIS NEXO E O
ESTADO DE S. PAULO
SOBRE A CRISE
POLÍTICO-ECONÔMICA
DA VENEZUELA NOS
ANOS DE 2018 E 2019



V SICCAL

[GT5 - CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA]

João Pedro Malar

Escola de Comunicações e Artes (ECA - USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A pesquisa abordada neste artigo buscou analisar as coberturas dos jornais O Estado de S. Paulo e Nexo Jornal em três momentos da crise política e econômica da Venezuela em 2018 e 2019. Buscou-se estudar os impactos nas coberturas, e temas abordados, pelo contexto digital. Para isso, foi feita uma revisão de bibliografia, entrevistas com profissionais e a análise de 178 matérias. Notou-se que as coberturas foram semelhantes em conteúdo e tom. Os principais conteúdos exclusivos do primeiro veículo vieram do emprego de enviados especiais, o que se tornou um meio de diferenciação em relação ao conteúdo e ao discurso da cobertura de agências de notícias. Já no Nexo Jornal, o diferencial veio do foco em contextualização, principalmente histórica, e da referência de jornais da América Latina, com a perspectiva de jornalistas do país sobre a crise.

Palavras-chave: Venezuela. Jornalismo internacional. Nexo jornal. O Estado de S. Paulo.

The research addressed in this article aimed to analyze the coverage of the newspapers O Estado de S. Paulo and Nexo Jornal in three moments of the political and economic crisis in Venezuela in 2018 and 2019. The objective was to analyze the impacts of a digital context in the coverage and the topics discussed. For that, it was done a literature review, interviews with professionals and an analysis of 178 articles. We noted that the coverages were similar in content and tone. The main contents exclusive to the first vehicle came from the use of special envoys, which were a way to differentiate itself from the content and coverage of news agencies. Regarding Nexo Jornal, the differential came from the focus on contextualization, mainly historical, and through referencing Latin American newspapers, with the perspective of journalists from the country about the crisis.

Keywords: Venezuela. International journalism. Nexo jornal. O Estado de S. Paulo.

La investigación abordada en este artículo buscó analizar la cobertura de los periódicos O Estado de S. Paulo y Nexo Jornal en tres momentos de la crisis política y económica en Venezuela en 2018 y 2019. Se buscó estudiar los impactos del contexto digital en la cobertura y temáticas. Para eso, se realizó una revisión de bibliografía, entrevistas a profesionales y el análisis de 178 artículos. Se señaló que las coberturas eran similares en contenido y tono. El principal contenido exclusivo del primer vehículo provino del uso de enviados especiales, que se convirtió en un medio de diferenciación en relación a las agencias de noticias. En Nexo Jornal, la diferencia vino del enfoque en la contextualización, principalmente histórica, y la referenciación de los periódicos en América Latina, con la perspectiva de los periodistas del país sobre la crisis.

Palabras clave: Venezuela. Periodismo internacional. Nexo jornal. O Estado de S. Paulo.

Introdução

Associada a uma espécie de janela para os acontecimentos em outros países, e tradicionalmente mais focada em contextualização e explicação, a área de jornalismo internacional costuma estar presente nas redações de jornais.

Mesmo sendo uma editoria com amplo histórico no jornalismo – Natali (2004), por exemplo, considera que o jornalismo surgiu já trabalhando nessa área –, ela ainda tem um certo estigma até hoje, com uma associação ao trabalho de tradução de material de agências de notícias, que é uma parte do trabalho de um jornalista da editoria, mas não o todo. Assim como as demais áreas do jornalismo, ela sofreu cortes e alterações em meio à chegada da internet nas redações.

A pesquisa abordada buscou analisar de que forma o jornalismo internacional é praticado atualmente, levando em consideração, em especial, como a internet influencia esta prática e como ocorre o uso de elementos mais “tradicionais” da área, como os enviados especiais e as agências de notícias.

Buscou-se entender como veículos jornalísticos mais novos, os chamados nativos digitais, fazem essa cobertura, pois eles surgiram em um contexto diferente dos jornais tradicionais e têm modos de funcionamento e produção também diferentes.

Por isso, optamos por analisar essas áreas do ponto de vista teórico, mas também comparar teoria e prática, ao analisar como um tema de relevância social e acadêmica

foi abordado na cobertura do jornalismo internacional.

Assim, o tema escolhido foi a crise política e econômica que a Venezuela enfrenta desde a década de 2010, com foco em três episódios específicos entre 2018 e 2019: a eleição presidencial de 2018, a autoproclamação de Juan Guaidó como presidente em 2019 e uma tentativa de golpe apoiada por ele no mesmo ano.

Já os veículos escolhidos para a análise foram o jornal O Estado de S. Paulo, parte de uma mídia mais tradicional que migrou para o meio digital, e o Nexo Jornal, representando os veículos nativos digitais. O processo envolveu a seleção, resumo, descrição e análise de 178 matérias publicadas pelos jornais, divididas em: anterior ao acontecimento analisado, em meio ao acontecimento e após o acontecimento.

A pesquisa contou, além da revisão de bibliografia, com entrevistas de profissionais envolvidos na cobertura: João Paulo Charleaux, do Nexo, e Rodrigo Cavalheiro, do Estadão.

Para a análise das matérias, levou-se em conta o conteúdo abordado, e a forma de abordagem, o uso de hiperlinks, presença de recursos multimídia (galerias, vídeo, infografia), emprego de correspondente, enviado especial ou freelancer, aproveitamento de materiais de agências de notícias e referência a outros jornais, sejam eles brasileiros, venezuelanos ou de outros países.

Por fim, buscamos estudar de que modo a classificação do Nexo Jornal como um veículo que pratica o Jornalismo Lento,

ou Slow Journalism, afetou na cobertura em relação ao O Estado de S. Paulo, que possui um ritmo intenso de produção. Esse tipo de jornalismo, teoricamente, não se prende à velocidade como fator principal, privilegiando a qualidade em relação ao chamado furo jornalístico, cuja priorização é criticada por defensores dessa prática (Prazeres, 2018).

Contextualização da crise da Venezuela

O território da República Bolivariana da Venezuela, ou simplesmente Venezuela, foi formado a partir da colonização espanhola na América, iniciada no século XVI e que se estendeu até o século XIX.

Na Venezuela, os nomes mais importantes ligados à independência foram Simón Bolívar, nascido na Capitania Geral da Venezuela, e José de San Martín. Ela veio, oficialmente, em 1830, após a derrota do projeto de Bolívar no Congresso do Panamá de unificar as colônias espanholas na América do Sul em um único país.

Após a sua independência, a Venezuela passaria por uma guerra civil entre 1859 e 1863 e uma sucessão de governantes com características autocráticas, com instabilidade. Um dos mais conhecidos é Juan Vicente Gómez, que governou entre 1908 e 1935. Também ocorreram tentativas de golpes militares, e o de 1948 foi bem-sucedido.

O Pacto Punto Fijo, feito pelos principais partidos políticos da Venezuela em

1958, buscou incentivar o desenvolvimento da democracia na Venezuela, com os partidos envolvidos se revezando no poder. A situação mudou nas eleições de 1998 e a vitória de Hugo Chávez, um militar de carreira que havia liderado uma tentativa de golpe militar em 1992 e que fundou um partido socialista em 1997.

O país passou, a partir daí, por uma política governamental com grandes investimentos em áreas sociais (RANDALL, 2013), associadas à presidência de Hugo Chávez (1999 a 2013), que reduziram indicadores de pobreza (entre 2003 e 2008 a taxa de pobreza caiu de 54% para 26% dos domicílios, com uma queda de 72% da taxa de extrema pobreza), mortalidade infantil (uma queda de entre 1998 e 2006), desigualdade (queda do Índice de Gini de 47 em 1999 para 41 em 2008), aumentaram acesso à educação básica e secundária (matrículas duplicaram na comparação do período de 1998-1999 com o de 2006-2007) e saneamento básico (WEISBROT, RAY, SANDOVAL, 2009).

A Venezuela entrou em uma crise econômica na década de 2010, gerada principalmente pelos efeitos da queda do preço do barril de petróleo - principal produto de exportação do país - no mercado internacional. Dados do World Economic Outlook de 2018, produzido pelo Fundo Monetário Internacional, indicam que a Venezuela possui o sétimo maior Produto Interno Bruto da América Latina e do Caribe. Ainda segundo o FMI, o PIB venezuelano em 2010 era de 318,2 bilhões de dólares, chegando em 352,1 bilhões, com duas variações negativas nos dois anos seguintes, uma positiva em 2015 e sucessivas quedas nos anos seguintes.

Em 2018, dado mais recente da organização, o PIB era de 98,4 bilhões de dólares, e as projeções do FMI apontam um PIB de 63,9 bilhões de dólares em 2019 e 48,6 bilhões de dólares em 2020, com uma queda de 25% prevista para o ano. Cabe ressaltar, porém, que os efeitos econômicos negativos da pandemia do novo coronavírus no fim de 2019 e, principalmente, em 2020 também influenciam essas projeções.

O país também possui as maiores reservas de petróleo do mundo, segundo o Boletim Estatístico Anual da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), com 303,806 milhões de barris. O Boletim de 2020 aponta que 99% das exportações da Venezuela são de petróleo. A exploração do petróleo venezuelano fica a cargo da empresa estatal Petróleos de Venezuela, S.A. (PDVSA).

Os investimentos e resultados citados anteriormente em áreas sociais até 2013 estão ligados principalmente a um grande investimento estatal, atrelado à renda obtida pela exportação de petróleo pela estatal PDVSA. Ao final do Governo Chávez, 95% das exportações venezuelanas eram de petróleo (RANDALL, 2013). Os altos índices de exportação de petróleo e os gastos estatais foram mantidos quando Nicolás Maduro chegou ao poder, em 2013. Maduro era vice-presidente de Chávez, e assumiu após a morte do presidente devido a um câncer. Maduro ficou no poder por poucos meses, até a realização de uma nova eleição, algo previsto pela Constituição do país, em abril de 2013 para a presidência. Ele saiu vitorioso, com 50,6% dos votos e, assim, foi eleito para governar com um mandato de seis anos.

Diferentemente do governo anterior, porém, Maduro passou a enfrentar problemas políticos e econômicos. De acordo com dados da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), da qual a Venezuela faz parte, em 2008 o preço médio do petróleo dos países membros estava cotado a 94 dólares por barril. Já em janeiro de 2009, o preço chegou a 61 dólares por barril. Em janeiro de 2016, chegou a 40 dólares por barril. Em janeiro de 2021, estava em 60 dólares por barril. A queda do preço do produto foi acompanhada por um crescimento da inflação e déficit na balança de pagamentos, levando a Venezuela a uma crise econômica.

Em 2015, já como reflexo desse cenário, Maduro perdeu sua maioria na Assembleia Nacional da Venezuela, com a oposição passando a controlar o Legislativo Federal. A vitória foi acompanhada por manifestações populares contra Maduro (MÉNDEZ, 2015). Em 2018, ainda durante a crise, o Banco Central da Venezuela estimou a inflação do país em 130.060% ao ano. Dados do World Economic Outlook de abril de 2019 do Fundo Monetário Internacional estimam a inflação na Venezuela em 2019 chegando a 200.000%, e um desemprego de 43,3%. Entre 2013 e abril de 2019, a organização aponta uma queda do PIB de 45%.

Um dos principais efeitos da crise econômica do país foi uma intensa migração por parte da população venezuelana. Dados da Agência da ONU para Refugiados (Acnur) de fevereiro de 2019 indicam que 3,4 milhões de venezuelanos deixaram a Venezuela. A nação que mais recebeu refugiados e migrantes venezuelanos foi a Colômbia, cerca de 1,1 milhão. Já o Brasil recebeu cerca de 90 mil venezuelanos, que

entraram no país principalmente pelo estado de Roraima.

Também foram noticiadas diversas situações de escassez de alimentos e produtos básicos na Venezuela, incluindo remédios, apontando um cenário de desabastecimento.

Como resposta às manifestações contrárias ao governo, Maduro incentivou que seus apoiadores também fossem às ruas, e aumentou a supressão de protestos. O “World Report 2020: Venezuela”, da Humans Right Watch, indica que em novembro de 2019 as prisões venezuelanas tinham quase 400 prisioneiros políticos, e que 15 mil pessoas foram presas desde 2014 por participarem de protestos, com 8.900 liberadas.

A Venezuela ainda passou por uma nova eleição, agora presidencial, em 2018. Reportagens produzidas sobre o pleito, inclusive algumas que serão analisadas nesta pesquisa, apontam que organizações como a União Europeia, a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Grupo de Lima (composto à época por Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, Guiana e Santa Lúcia) rejeitaram os resultados das eleições devido a denúncias de irregularidades, assim como Estados Unidos, Austrália e Japão. Rússia, China, Bolívia e Turquia estão entre os países que reconheceram a validade da eleição.

O pleito foi ganho por Nicolás Maduro, reeleito para um novo mandato de seis anos, com 67.8% dos votos. Prevista inicialmente para dezembro de 2018, a eleição foi adiantada para maio, e teve participação de

46.07% da população, segundo o Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela. A eleição presidencial de 2013 teve 79.68% de participação, e a eleição parlamentar de 2015, 74.17%. A Mesa de Unidade Nacional (MUN), grupo de oposição formado em 2008 e que conquistou a maioria na Assembleia Nacional na eleição parlamentar de 2015, estimou a participação em 25.8%. A MUN boicotou a eleição.

Com a vitória, Maduro tomou posse para iniciar seu segundo mandato em janeiro de 2019, enquanto os protestos liderados pela oposição continuaram no país. Em 23 de janeiro, 10 dias após a posse presidencial, o presidente da Assembleia Nacional, Juan Guaidó se autoproclamou presidente interino do país, alegando que o resultado da eleição de 2018 era ilegal devido às irregularidades no pleito. O episódio também foi apresentado por veículos jornalísticos e faz parte das análises da pesquisa. As reportagens subsequentes apontaram a divisão no reconhecimento internacional de Guaidó, apoiado pela União Europeia, Estados Unidos e pelo Grupo de Lima. África do Sul, China, Rússia, Turquia e Cuba estão entre os países que não reconhecem Guaidó como presidente do país, mas sim Nicolás Maduro. Alguns países, como México, Indonésia e Índia, declararam neutralidade diante da situação.

Em meio a esse cenário, as manifestações continuaram no país, com conflitos com forças de segurança venezuelanas e apoiadores do governo. A crise econômica também se manteve. Outro episódio de destaque em meio à crise política da Venezuela ocorreu em 30 de abril de 2019, quando houve um levante militar em uma base na capital venezuelana, Caracas,

com a presença de Guaidó e outro líder da oposição do país, Leopoldo López. Guaidó alegou que tinha apoio de parte do exército venezuelano. Apesar disso, oficiais de alta patente continuaram apoiando o presidente Maduro e a tentativa de retirá-lo do poder fracassou. Como foi a primeira tentativa de retirada de Maduro do poder por via militar apoiada e incentivada explicitamente por Guaidó, a análise da cobertura deste episódio também faz parte da pesquisa.

Bases teóricas para a análise

Natali (2004) associa a editoria de Internacional nos jornais com a função de produzir notícias sobre política internacional. Ele afirma que o jornalismo internacional tem origens ligadas às do jornalismo em si, no século XVI, na Europa Ocidental.

Ele considera que diversas práticas e elementos do jornalismo internacional foram desenvolvidas no século XIX, e elas continuam a existir até os dias de hoje. Nele surgiram as primeiras agências de notícia, organizações inicialmente geradas pela união de jornalistas, o chamado pool, de diferentes veículos para produzirem conteúdo para vários jornais diferentes.

Todas as agências têm o objetivo de produzir conteúdo jornalístico - que pode ser em texto, imagem, vídeo ou áudio -, que é vendido e publicado por veículos jornalísticos. O conteúdo também pode ser adaptado, ou o jornal pode usar apenas parte dele.

As agências de notícia são importantes

pois permitem que veículos sem condições financeiras para enviar correspondentes ou enviados ou contratar jornalistas de um local para cobrir um evento ainda possam publicar notícias sobre o acontecimento. Ao mesmo tempo, elas acabam atuando como uma concorrência, nos jornais, em relação à decisão de enviar um correspondente, enviado especial ou contratar um jornalista freelancer, como defende Natali (2005).

Paterson (2007) considera que há, hoje, uma dependência maior por parte dos jornais das agências de notícia, com uma replicação maior do conteúdo das mesmas e pouca diversidade, criando um cenário contraditório. Apesar de haver uma grande diversidade de possíveis fontes de informação, acessíveis pela internet, para produção de conteúdo próprio, as quedas nas receitas e pouco capital disponível para investimentos levam os veículos a focar em uma reprodução e combinação do conteúdo de agências.

Haveria a possibilidade de uma maior diversidade de conteúdos produzidos e em circulação, mas essa escolha leva a uma homogeneização (AGNEZ, 2017) do material que é publicado, o que também torna-se uma necessidade na busca de ter o conteúdo que aparece na concorrência (PATERSON, 2007). A exceção ocorre quando há produção própria, por meio dos correspondentes internacionais.

Tavares e Fernandes (2019) afirmam também que o uso frequente de conteúdo de agências de notícias cria um problema ao resultar em uma dependência do jornal em relação às agências, dependendo de “poucas fontes de informações” e tendo dificuldade para oferecer uma “pluralidade

de temas” em suas coberturas de regiões como a América Latina. As pesquisadoras constataram, analisando os jornais *O Globo* e *Folho de S. Paulo*, o grande foco das editorias na cobertura de temas ligados aos Estados Unidos, com presença de menos de 30% de notícias envolvendo a América Latina.

Uma grande dependência do conteúdo de agências de notícias traz consequências para o produto jornalístico produzido. Steinberger (2005) considera que o jornalismo contribui para a formação de um “imaginário social geopolítico”, ligado à “interação social” com as mídias.

A concepção, semelhante à noção do jornalismo como um integrante de um “território de conflitos” discursivos e ideológicos (CHAPARRO, 1994), também é aplicável no caso do jornalismo internacional. Steinberger (2005), afirma que “a mídia tem o poder de construir a imagem de determinados países, governos ou organizações junto à opinião pública ocidental”.

Nesse sentido, ao usar o conteúdo de agências, as contribuições para os consumidores do conteúdo jornalístico na formação de ideias e opiniões acerca de determinados países estarão ligadas às intenções das próprias agências.

A autora afirma que o jornalismo latino-americano, com sua herança colonial, é internacionalista, “não só pelos artigos estrangeiros traduzidos, pelas reciclagens dos despachos das agências internacionais ou por transmissões de rádios e televisões internacionais”. “Ele é internacionalista também quando escreve fatos

nacionais e locais ou quando avalia nossa produção cultural e comportamento”.

A partir disso, Steinberger oferece alguns critérios para analisar se a mídia de um país seria subdesenvolvida. Para ela, uma mídia subdesenvolvida existe “quando não há meios de checagem, quando a decisão de reproduzir o material noticioso internacional baseia-se em um ato de fé”. A autora pontua que a análise pode ser feita a partir das “formas de interação” entre os jornais de um país e o conteúdo jornalístico no exterior.

A primeira forma de interação é a reprodução, em que ocorre apenas a reprodução de material produzido por agências de notícias e jornais estrangeiros. A segunda seria o condicionamento, em que o “sistema orientador” da produção de uma editoria são as agências de notícias, mas os jornais locais produzem “pautas associadas” ao conteúdo dessas agências, que seriam “adaptadas à ‘cor local’”. Por fim, há a interdependência, uma “relação de troca com relativa simetria entre o sistema local e o internacional, ou seja, um sistema agenda o outro”.

É importante lembrar que existem fontes alternativas de informação às agências, em geral presentes na internet (sites de jornais locais, universidades, publicações em redes sociais, etc), mas também os próprios correspondentes internacionais e suas variações.

Em relação à figura do correspondente internacional, Agnez (2017) trabalha com o que chama de “Tipologia da Correspondência Internacional”, partindo da diferenciação dos tipos de jornalistas

que cobrem, para um veículo de um país, acontecimentos de outros países. Para isso, a autora parte das definições de Hamilton e Jenner (2004), que consideram que a figura do correspondente tradicional, que passa um longo período de tempo em outro país, decaiu em uso devido aos altos custos que demanda, e foi substituído por outros tipos de correspondentes. Com isso, a autora apresenta os seis tipos diferentes e mais recentes de correspondentes.

O primeiro é dos enviados especiais, um correspondente enviado por um jornal para cobrir um determinado acontecimento de outro país em um curto prazo e que retorna para o país de origem após a cobertura. O segundo é dos *foreign foreign correspondents*, cidadãos estrangeiros, em relação ao veículo jornalístico, que são contratados para cobrir os acontecimentos do país ou região onde vivem.

O terceiro tipo é o *foreign local correspondent*, jornalistas locais de um veículo local que produzem conteúdos que podem ser acessados de todo o mundo, pela internet.

Outros dois tipos são os *premium foreign correspondents* e os *in-house foreign correspondents*. Os primeiros seriam analistas, especializados em uma determinada área. Já os segundos produzem conteúdos para um segmento particular do mercado.

O *local foreign correspondent* é um jornalista que cobre um outro país ou região a partir do seu país de origem, podendo utilizar materiais vindos de relatórios, redes de televisão de outros países e também a internet. A autora aponta que esse tipo de

correspondente tem sido cada vez mais usado nas redações. Por fim, há os *citizen foreign correspondents*, que seriam pessoas comuns, nativas de um país, que produzem conteúdos sobre um acontecimento nesse local e o disponibilizam na internet, produzindo, indiretamente, conteúdo que pode ser aproveitado por veículos de outros países.

Agnez (2017) defende que os correspondentes são um elemento importante para atingir os objetivos da imprensa de ter uma cobertura autoral e de qualidade, com um diferencial competitivo em relação aos outros jornais do país. O correspondente tradicional seria alguém que iria testemunhar, contextualizar e interpretar os acontecimentos influenciado pela cultura e história de seu país de origem, o que pode facilitar a transmissão dos acontecimentos e sua contextualização.

A divisão de Hamilton e Jenner já leva em conta os tipos de atuação de correspondentes que se ligam à internet. Natali (2004) também fala sobre as alterações que a internet trouxe à rotina produtiva do jornalista da área de internacional, destacando a possibilidade de acesso a fontes especialistas, além de fontes e informações do local de origem de um acontecimento sem o intermédio das agências de notícia. Ou seja, há uma convergência entre a descrição do local *foreign correspondent* com a do repórter de uma editoria de internacional padrão, cuja cobertura é feita via internet.

O autor ainda opina que a internet não substituiu a existência de uma rede qualificada de correspondentes, mas ajuda a compensar uma possível falta dessa rede,

por exemplo, por questões financeiras. Além disso, as mudanças com o surgimento do chamado jornalismo digital oferecem novas potencialidades a partir do uso da internet. Para a pesquisa, duas potencialidades importantes que foram notadas na análise foram as de hipertextualidade e multimídia. A hipertextualidade é colocada como a capacidade de “ligar textos digitais entre si” (SALAVERRÍA, 2005, p. 30 apud CANAVILHAS, 2014), que permite associar blocos informativos, como textos, imagens, vídeos e áudios, e oferece uma liberdade para o leitor traçar sua própria jornada de leitura, também com a possibilidade de seguir links para outros sites e conteúdos que são colocados em um texto (CANAVILHAS, 2014), com o objetivo de aprofundar informações.

A hipertextualidade é colocada como a capacidade de “ligar textos digitais entre si” (SALAVERRÍA, 2005, p. 30 apud CANAVILHAS, 2014), que permite associar blocos informativos, como textos, imagens, vídeos e áudios, e oferece uma liberdade para o leitor traçar sua própria jornada de leitura, também com a possibilidade de seguir links para outros sites e conteúdos que são colocados em um texto (CANAVILHAS, 2014), com o objetivo de aprofundar informações.

Sobre a multimídia, Salaverría (2014) aponta que ela está ligada à combinação de linguagens, pensando na possibilidade de combinar textos, vídeos, áudios, imagens fixas, imagens em movimento e outros formatos dentro de um conteúdo digital, permitindo, assim, incluir em um mesmo texto diversas formas de trazer mais informações e contexto para o público.

Por fim, sobre a temporalidade, Le Masurier (2014) considera que o jornalismo lento vai além de defender que o jornalismo tenha um tempo apropriado para sua produção, algo que, segundo ela, sempre existiu na atividade, com a criação de diferentes produtos em velocidades diferentes, como grandes reportagens, livros-reportagem, revistas e outros.

A autora (2014) defende que o jornalismo lento está ligado à produção de histórias que recebem pouca atenção da mídia tradicional, uma maior transparência com o leitor e uma priorização na qualidade das matérias publicadas, e não na quantidade ou velocidade. Assim, abandona-se o “fetiche do furo” (Prazeres, 2018, p. 132). Ela observa que o jornalismo lento é sempre “lento em relação a algo” (Prazeres, 2018, p. 133).

Como Le Masurier (2014) ressalta, um veículo de jornalismo lento não precisa ter todas as características dessa prática para realizá-la. O motivo seria que o jornalismo lento é uma orientação crítica sobre os efeitos da velocidade na prática do jornalismo e uma experimentação em publicações mais lentas, de menor escala.

Considerações sobre as coberturas

Sobre os objetos de pesquisa, o Nexo Jornal foi fundado em novembro de 2015, sendo um veículo nativo digital, ou seja, já criado no meio digital e exclusivo do mesmo, não realizando uma transição do impresso para o meio digital como o Estadão.

Já o jornal O Estado de S. Paulo, ou Estadão, é um dos mais antigos do Brasil, fundado em 4 de janeiro de 1875. Até pelas condições tecnológicas da época, era exclusivamente impresso. Ele ganhou um portal online em 28 de maio de 2000, e é historicamente reconhecido pelo foco na cobertura internacional, em especial no século XX, como destacou Natali (2004).

Sobre as matérias analisadas, foram incluídas as produzidas pelo Nexo antes e depois do acontecimento que fazem referência ao tema e publicadas no mesmo mês. Já no caso do Estadão, pensando no ritmo de produção e quantidade de notícias, foram selecionadas as publicações de apenas três dias antes e três dias depois de cada evento.

Foram escolhidos três episódios de análise entre 2018 e 2019, pela relevância no contexto de crise no país: a eleição presidencial de 2018, com a vitória de Nicolás Maduro, a autoproclamação de Juan Guaidó como presidente do país em 2019 e a sua tentativa, no mesmo ano, de tirar Maduro do poder no país.

Em geral, os dois veículos tiveram abordagens semelhantes, apresentando o acontecimento, o contexto por trás dele, desdobramentos e atualizações nos dias seguintes e a reação internacional. Entretanto, o Nexo fez isso em menos matérias que o Estadão, com textos mais longos e que tinham um aprofundamento histórico maior. Foi citado, por exemplo, o desempenho da oposição venezuelana nas eleições estaduais de 2017, que em nenhum momento foi citada pelo Estadão. Outro tema melhor abordado foram as críticas da oposição venezuelana a Guaidó, visto por alguns setores como “socialista” e mais alinhado a Maduro, uma divisão que não foi trabalhada pelo Estadão.

Outro tema melhor abordado foi a relação econômica dos Estados Unidos com a Venezuela, ligada ao petróleo, e como isso influenciou na crise do país. O Estadão chegou a fazer matérias sobre esse tema referentes à Rússia e China (também abordadas pelo Nexo), mas não falou sobre esse

ponto em relação aos Estados Unidos, em que as referências de possíveis motivações para as ações do país durante a crise apontavam mais para as críticas a uma falta de democracia e violação de direitos humanos no país. A influência histórica dos Estados Unidos na América do Sul, inclusive a ligação com golpes militares na região, foi trazida pelo Nexo, mas não pelo Estadão.

O Estadão produziu conteúdos que retrataram melhor os acontecimentos na Venezuela, sobretudo na primeira e terceira coberturas, graças à presença de enviados especiais que mostraram os efeitos práticos da crise para a população e a opinião quanto a Maduro e Guaidó.

As matérias do Estadão tinham algum grau de contextualização, geralmente menor nos conteúdos de agências, e mostraram com mais detalhes desdobramentos como reações internacionais, posicionamentos de políticos venezuelanos (do governo e da oposição) conforme os acontecimentos se desenrolaram e repressão de manifestações.

Graças aos seus correspondentes, o Estadão conseguiu mostrar melhor a sequência de reações de países europeu e dos Estados Unidos, além das reações de figuras brasileiras. Cabe destacar que, no primeiro episódio, foram produzidas duas matérias com foco na reação brasileira. Já no segundo foram dez e, no terceiro, 21, com foco nos comentários do vice-presidente Hamilton Mourão e do presidente Jair Bolsonaro e nas reações do Partido dos Trabalhadores (PT). O fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil foi tema de matérias na segunda e terceira coberturas.

Ainda sobre o uso de correspondentes, enviados especiais e freelancers pelo Estadão, a primeira cobertura contou com uma produção maior de matérias pelo enviado especial que a terceira. Esta última teve uma jornalista freelancer nativa do país, assim como a segunda cobertura. Notamos que o jornal ficou sem o seu correspondente na Europa na terceira cobertura, o que levou a uma diminuição de matérias referentes à reação europeia, com conteúdo de agências preenchendo esse espaço, o que mostra que esse conteúdo em geral mais barato, acaba sendo usado como um substituto em meio à impossibilidade de ter um enviado especial ou correspondente. Nesses casos, a combinação do conteúdo de diferentes agências foi usada para produzir uma matéria diferenciada em relação a outros veículos que também acessam conteúdo de agências.

Além disso, foi possível verificar a conclusão de Agnez (2017) de que a quantidade de correspondentes internacionais tem caído em meio à crise econômica pela qual os jornais passam, levando ao emprego de alternativas. O Estadão optou pelo uso dos chamados enviados especiais e da categoria de *foreign foreign correspondents*.

O Nexo empregou os *foreign local correspondents* ao utilizar jornais locais venezuelanos e do Brasil e América Latina como fontes. Tanto o Estadão quanto o Nexo fazem uso dos *local foreign correspondent*, algo que só é possível com a internet.

Por ser um jornal com condições financeiras maiores que as do Nexo, a cobertura do Estadão teve enviados especiais, freelancers e correspondentes (na Europa e nos Estados Unidos), que produziram

conteúdos que não estavam presentes nas agências de notícias. Esse diferencial da cobertura ficou ainda mais evidente na das eleições de 2018, em que o Estadão teve um enviado especial que produziu boa parte das matérias publicadas no período analisado. Assim, notamos que o investimento nesses profissionais faz sentido ao pensarmos na produção de conteúdos exclusivos para o jornal, um diferencial relevante para atrair e reter público.

O amplo alcance das agências foi notado não apenas no Estadão, mas também no Nexo Jornal, mas nesse caso de forma indireta. Como o jornal usa como fontes o conteúdo produzido por outros veículos, em alguns momentos eram referenciadas matérias que continham conteúdo de agência. Ou seja, esse conteúdo, em última instância, também chegou ao Nexo e influenciou a cobertura. A grande quantidade de material de agências foi observada na pesquisa, confirmando as ideias de Paterson (2007).

Essa influência, do ponto de vista dos conteúdos, pode ser problematizada, já que as agências, como qualquer veículo jornalístico, também seguem uma determinada ideologia e estão alinhadas a determinados interesses, o que influencia no conteúdo. Ao utilizar conteúdo de agências, o jornal reproduz a construção que as agências realizam, de forma intencional ou não. Isso pode não ser um problema para jornais que compõem a chamada mídia hegemônica, quando um veículo reproduz e busca garantir a continuidade da dominância das elites de um país e suas ideias, já que ela, no geral, está alinhada aos interesses e visões dos países de origem das agências

e ao sistema econômico no qual as agências estão inseridas.

A própria cobertura em 2018 do enviado especial apresentou temas mais críticos em relação ao governo, falando por exemplo de pressões para que funcionários públicos votassem em Maduro e influência de votos por meio de auxílios.

O Nexo soube aproveitar as potencialidades da internet, algo mostrado pelo uso de elementos multimídia e hiperlinks para aprofundar e contextualizar, a busca por documentos disponíveis na internet e a referência a jornais locais. Uma razão para isso pode ser o fato dele ser um veículo que já nasceu no ambiente digital.

Na primeira cobertura, o Estadão ainda parecia estar “atrás” do Nexo nesse ponto, não usando hiperlinks, sem referência a veículos locais e com galerias como único conteúdo multimídia. Apesar disso, o jornal pareceu mais atualizado nas coberturas subsequentes, com uso de vídeos, gráficos, áudio, hiperlinks e uma referência, ainda que pequena, a veículos locais. A hipótese levantada na pesquisa é que essa mudança está ligada à chamada “Transformação Digital” que o jornal empregou a partir de 2018 e 2019, exatamente com o objetivo de tornar o veículo mais adaptado e inserido no meio digital.

Os hiperlinks do Nexo direcionam não apenas para matérias do próprio jornal sobre o tema, caso do Estadão, mas também para matérias de outros jornais que são citadas como fontes e para sites que guardam documentos e dados usados como fontes.

Por mais que a mudança possa ter demorado para acontecer, afinal veículos menores como o próprio Nexo já traziam essas características, o fato do Estadão ter mais recursos e infraestrutura permitiu que o jornal passasse a produzir elementos multimídia em quantidade maior que a do Nexo, indicando que o aproveitamento das potencialidades que a internet traz também está ligado às condições financeiras de um jornal.

Sobre a questão da temporalidade nas coberturas, Rodrigo Cavalheiro destacou, em entrevista para a pesquisa, que esse ritmo acelerado não significa que o Estadão tenha aberto mão da revisão de matérias e confirmação de informações para evitar erros, mesmo que isso signifique esperar mais um pouco para publicar algo, o que indica um equilíbrio entre o furo jornalístico e a tentativa de evitar erros.

A cobertura do Nexo foi a que mais se ligou a elementos do jornalismo lento: foi feita com a publicação de poucos textos, com foco em contextualização, uma maior transparência a partir da possibilidade de acesso do leitor a fontes citadas nas matérias e multimídia. Elementos que enquadram o Nexo no campo do jornalismo lento, algo já apontado por Prazeres (2018), foram levantados por João Paulo Charleaux em entrevista: o foco em contextualização, a decisão de não buscar “dar o furo” e um ritmo de produção mais lento, em que se “gasta mais tempo naquele texto”.

Porém, foi possível encontrar matérias produzidas pelo Estadão que também têm elementos do jornalismo lento, em especial o conteúdo produzido por enviados especiais. Na segunda e terceira coberturas

foram publicadas matérias que resumiam os acontecimentos do dia, contextualizando-os e tendo grande quantidade de recursos multimídias e referência de outras matérias via links.

Em geral, os conteúdos produzidos pelos enviados especiais também eram maiores, demandando mais tempo de produção, mais focados em contextualização e buscavam encontrar histórias não contadas e focadas em pessoas afetadas por problemas sociais, duas características citadas por Le Masurier (2014).

O Nexo também se liga a elementos da produção lenta até pela infraestrutura e recursos em menor quantidade do que um jornal tradicional, o que impossibilita, por exemplo, trabalhar com enviados especiais ou assinar conteúdo de agências para publicação. Portanto, há uma conexão entre o jornalismo lento e as condições financeiras do jornal, com essa prática sendo mais apropriada para um veículo que já possui uma equipe menor e menos recursos e, ao mesmo tempo, servindo como diferenciação em relação a veículos maiores, uma forma de se destacar para possíveis consumidores.

Foi possível notar uma certa “aceleração” na cobertura do Nexo, no sentido de que a quantidade de matérias publicadas logo após o fato aumentou, assim como a temporalidade delas se encurtou. Na primeira cobertura, a primeira matéria se referindo ao acontecimento estudado foi publicada apenas no dia seguinte. Já na terceira, foram publicadas duas matérias ligadas ao acontecimento no mesmo dia em que ele ocorreu.

Foi possível apontar que a cobertura do Nexo foi inteiramente ligada às práticas do

jornalismo lento, e que o Estadão teve partes da cobertura ligadas à prática. Porém, estavam inseridas em uma rotina de produção de alta velocidade, focada em dar a informação o mais rápido possível, até pela demanda do público. A contextualização era vista como parte importante da cobertura, mas competia com a necessidade de publicação ágil, em geral feita por meio do conteúdo de agências de notícias.

Cabe destacar que o equilíbrio entre publicações mais factuais e mais elaboradas e longas sempre existiu na prática jornalística, mas o ambiente digital, com a publicação e demanda pelo público de notícias 24h por dia, complica ainda mais esse equilíbrio.

Assim, podemos considerar que um jornal tradicional pode incorporar elementos da rotina de produção do jornalismo lento, mas que isso demanda investimento financeiro e de pessoal. No caso do jornalismo internacional, as possibilidades apresentadas seriam via freelancers, enviados especiais ou correspondentes. O modelo adotado pelo Nexo oferece uma alternativa, em que o jornalista não precisaria necessariamente se locomover e realizar a cobertura a partir das possibilidades da internet, mas isso demanda a “retirada” do jornalista da cobertura mais ágil e uma produção de matérias em quantidade menor do que a diária de um veículo como o Estadão.

Reflexões finais

Um dos focos da pesquisa era a relação entre velocidade e a produção jornalística dos dois jornais. Nesse aspecto, ficou

evidente que elementos do jornalismo lento foram encontrados na cobertura do Estadão, em especial quando se analisou os conteúdos do enviado especial da primeira cobertura.

O Estadão e o Nexo não estariam em um cenário de interação focada em reprodução, citado anteriormente, mas sim mais próximo de um cenário de “condicionamento”, onde, segundo Steinberger (2005), o sistema orientador “da produção de uma editoria são as agências de notícias, mas os jornais locais produzem “pautas associadas” ao conteúdo dessas agências, que seriam “adaptadas à ‘cor local’”. O emprego de enviados especiais, correspondentes e freelancers ajudam a dar mais independência aos jornais em relação às agências e até produzir discursos próprios em relação aos países cobertos, mesmo que ele, no fim, seja próximo ao das agências.

É possível considerar que esses dois tipos de jornalismo não se excluem, e conseguem conviver dentro de uma editoria de um jornal, algo que, na verdade, sempre existiu no jornalismo. A dificuldade estaria em conciliar velocidades diferentes de produção: a das notícias diárias, menores, mais factuais, e as reportagens especiais, mais aprofundadas, focadas em contexto. Muitas vezes, é o mesmo jornalista que realiza as duas produções, por mais complexa que a conciliação seja. O próprio Nexo é um jornal de jornalismo lento, mas mais rápido que outros veículos que se encaixam na prática, mostrando como a questão da velocidade é dependente do referencial de comparação.

O foco em contextualização foi destacado nas entrevistas. No caso do Nexo havia mais tempo para realizar uma

contextualização maior, mais completa e detalhada, o que também ocorreu no Estadão, mas em geral em matérias que resumiam os acontecimentos do dia. Assim, um tempo de produção maior parece permitir uma contextualização maior e melhor, um ponto favorável ao modelo do jornalismo lento. Novamente, a contextualização não parece ser impossível no jornalismo acelerado, mas depende mais das habilidades e conhecimentos pré-existentes do repórter responsável.

Apesar das críticas que o movimento do jornalismo lento realiza, a cobertura do Estadão não teve grandes erros ou inverdades, e a estrutura maior do jornal permitiu apresentar elementos e informações que não estavam presentes no Nexo. Já em relação à cobertura do Nexo, houve mais tempo para enriquecer notícias com informações históricas e de contexto que não apareceram no Estadão.

Notamos como questões tecnológicas e de velocidade no ambiente digital, e de uso de elementos mais característicos do jornalismo internacional, influenciaram não apenas cada jornal, mas também as coberturas de cada evento pelo Estadão.

Assim, foi possível considerarmos que o modelo do jornalismo lento pode ser empregado em um jornal tradicional, e que ele pode aprimorar a qualidade das produções graças à melhor condição financeira e recursos desses veículos, mesmo com uma situação financeira pior devido à crise atual do jornalismo.

O jornalismo lento e o jornalismo acelerado não são necessariamente excluídos, mas complementares, trazendo

resultados positivos quando bem aproveitados. A pesquisa indica que essas práticas podem ser usadas na constituição de narrativas próprias dos veículos, mesmo que elas ainda sigam visões hegemônicas, no caso do Estadão, ou se distanciem pouco delas, no caso do Nexo Jornal. ■

[JOÃO PEDRO MALAR]

Graduando em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP.

E-mail: joapedromalar@usp.br

Referências

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Correspondente internacional: uma carreira em transição.** São Paulo. Appris, 2017.

CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade:** Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Labcom Books, 2014, p. 3-25.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Pragmática do Jornalismo - buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo, Summus, série Novas Buscas em Comunicação, 1994.

FERNANDES, Marina Michelis de Lima; TAVARES, Camilla Quesada. **Jornalismo internacional no Brasil:** um estudo comparativo entre a cobertura noticiosa da editoria mundo dos portais Folha de S. Paulo e O Globo. In: Revista Fronteiras - estudos midiáticos, vol. 21, n. 3, p. 114-129, Set.-Dez., 2019.

LE MASURIER, Megan. **What is slow journalism.** Taylor & Francis Online. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/29512804/What_is_Slow_Journalism. Acesso em: 14 jun. 2020.

MÉNDEZ, C. A. (2015). **Crisis política y transiciones en Venezuela.** Cadernos PROLAM/USP, 14(27), 64-87.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional.** São Paulo. Contexto, 2004.

PATERSON, Chris. **International news on the internet: why more is less.** In: Ethical Space: The International Journal of Communication Ethics. Vol 4, n. 1, p. 57-66, 2007. Disponível em: http://www.communicationethics.net/journal/v4n1-2/v4n1-2_12.pdf. Acesso em: 31 mai 2020.

PRAZERES, Michelle. **Jornalismo lento - Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais.** In: Revista Fapcom. São Paulo, v. 2, n. 4, jul./dez. 2018.

RANDALL, Stephen J. **The Chávez legacy.** In: Hot Topics, a Latin American Research Centre publication, University of Calgary, 2013.

RAY, Rebecca; SANDOVAL, Luis; WEISBROT, Mark. **The Chávez administration at 10 years:** the economy and social indicators. Center for Economic and Policy Research, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade:** informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Labcom Books, 2014, p. 25-53.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia:** jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo. Cortez, 2015.